

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

SHEYLA WERNER FREITAS

INTERLOCUÇÕES ENTRE DISCIPLINAS DE UM CURSO DE PEDAGOGIA:
um estudo sobre sua relevância à formação docente

PORTO ALEGRE
2013

SHEYLA WERNER FREITAS

INTERLOCUÇÕES ENTRE DISCIPLINAS DE UM CURSO DE PEDAGOGIA:
um estudo sobre sua relevância à formação docente

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título em Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dr. Darli Collares

Porto Alegre

2013

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que me acompanharam durante minha caminhada na graduação, reforçando esse companheirismo durante a construção deste trabalho. Quero agradecer em especial a...

... minha orientadora, Darli Collares, a qual depositou todo o carinho, confiança e atenção possíveis, me apoiando e me incentivando em todos os meus passos, passando-me tranquilidade nos meus momentos de anseios e preocupações. Obrigada, professora, por tudo, principalmente por me ensinar o quanto somos capazes de nos reinventar.

...aos meus irmãos que me apoiaram e torceram por mim, vibrando com cada vitória conquistada ao longo do processo. Obrigada pelas palavras ditas nas horas certas e pelo silêncio nos momentos onde nada precisava ser dito. Sheyanne e Julinha, minhas musas inspiradoras, obrigada pelo esforço da presença num momento tão importante. Antônio e Arthur, meus fiéis protetores, obrigada pelo apoio incondicional. Vocês são tudo pra mim.

... Mãe e Pai, obrigada por compreenderem minha ausência durante esse processo, obrigada por me apoiarem tanto, mesmo em meio a tantas adversidades, sei dos momentos difíceis que passaram, obrigada por entenderem meu silêncio em muitas ocasiões. Obrigada, principalmente, por me proporcionarem essa oportunidade, sem vocês, nada seria possível. Sou tudo o que sou hoje, graças a vocês!

...meu amor, amigo e confidente. Aquele que esteve ao meu lado, me dando abraços apertados e me fazendo rir nos momentos mais difíceis, e que nunca cansou de repetir o quanto acreditava em mim. Paulinho, te amo!

...todos meus amigos, que me alegraram e me apoiaram, torcendo por mim, uns mais longe, outros mais perto.

... minhas colegas que dividiram comigo as dúvidas e alegrias, medos e descobertas, Vanessa A. e Lisiane M. é muito bom estar concluindo esta etapa com vocês do meu lado. Um agradecimento especial à minha inseparável companheira Jéssica Brum, foste o melhor presente que a UFRGS me deu!

...e a todos os professores da Faculdade de Educação da UFRGS ao qual eu tive o grande prazer de ser aluna, pois cada um, sem exceção, deixou algo de muito bom para meu fazer docente.

*[...] Não te encontro, não te alcanço...
Só - no tempo equilibrada,
desprendo-me do balanço
que além do tempo me leva.
Só - na treva,
fico: recebida e dada.*

*Porque a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.*

Cecília Meireles

RESUMO

A investigação que compõe este Trabalho de Conclusão de Curso, proposto no oitavo semestre do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tem como objetivo analisar as disciplinas do referido curso, inferindo sobre as interlocuções entre elas e a importância disso na formação acadêmica do docente. Para tanto, adotou-se uma abordagem construtivista, tendo suporte teórico autores como Piaget, Nóvoa e Collares. Participaram deste estudo, de caráter qualitativo, professores e alunos do referido Curso através de entrevistas semiestruturadas. Para os alunos, as perguntas objetivavam detectar as possibilidades de interlocuções entre as disciplinas cursadas, o reconhecimento de alguma disciplina como integradora das demais e a forma como essa integração ocorre. Dentre os professores, buscou-se analisar o seu posicionamento pessoal-metodológico sobre a temática. Os resultados evidenciam a importância da interlocução entre as disciplinas de um curso para a formação docente, trazendo à tona a imprescindível interdependência das ações entre os professores; a diacronicidade das relações estabelecidas entre as diferentes propostas, pelos alunos, na constituição de seu processo de aprendizagem e a interdependência deste processo com o compromisso com que assumem sua formação.

Palavras-chave: Formação de professores. Aprendizagens discentes. Disciplinas integradoras. Coordenação das ações.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	9
1.1. MINHA CAMINHADA.....	9
1.2. TRAÇANDO OBJETIVOS	11
1.3. POR QUE A FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFRGS?	12
1.4. CAMINHOS METODOLÓGICOS DO ESTUDO	12
2. CATEGORIAS DE ANÁLISE	17
2.1. VÍNCULOS ENTRE CURRÍCULO, AÇÃO DOCENTE E AÇÃO DISCENTE.....	17
2.2. A ESTRATÉGIA QUE VIROU VILÃ: A DISCIPLINA INTEGRADORA ..	20
2.3. A RENÚNCIA DA COORDENAÇÃO DAS AÇÕES	26
3. NA BUSCA PELA REINVENÇÃO	28
REFERÊNCIAS	30
ANEXOS	31
ANEXO A: Termo de Consentimento	31

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho constitui-se em uma pesquisa qualitativa com inspiração no Método Clínico, sobre a temática das interlocuções entre as disciplinas do Curso de Pedagogia da UFRGS, norteando-se na busca pela compreensão da contribuição disso na formação docente.

Para empreendê-la realizei entrevistas com professores e alunos e, de posse das entrevistas, analisei os discursos sobre as interlocuções entre as disciplinas dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, do Curso de Pedagogia, da UFRGS, no intuito de inferir sobre a coordenação de ações envolvidas nesse processo de ensino e aprendizagem.

Meu interesse pela temática e seus desdobramentos surgiu, principalmente, a partir da minha inserção como bolsista de pesquisa, em um grupo coordenado pela professora Darli Collares, a qual me acolheu também como orientadora neste trabalho. Olhar para minha formação e a forma com a qual a enfrentei fez com que tornasse a mesma meu objeto de estudo. Nessa perspectiva foram realizadas entrevistas semiestruturadas e questionários com 5 professores do Curso, 14 alunos que estão matriculados em etapas diversas do Curso, e 11 alunas que estão em processo de conclusão de curso.

Ao entrevistar os alunos, busquei inferir sobre como as interlocuções entre as disciplinas ocorrem, se ocorrem de fato, pois compreendo que, para isso há a necessidade de os alunos terem espaço para coordenarem suas ações, tornando-se necessário, por conseguinte, que as ações docentes consigam, de certa forma, provocar isso. Além disso, analisar o discurso dos alunos sobre as possíveis disciplinas integradoras se fez necessário, pois o currículo do Curso é organizado de forma a objetivar tal integração entre as disciplinas. Quanto aos professores, além da análise sobre seu posicionamento pessoal-metodológico sobre a temática, busquei, também, saber sobre como percebem o lugar do aluno e como lidam com as demandas do currículo.

O trabalho é estruturado em três capítulos, sendo que no primeiro apresento o contexto da pesquisa que traz minha caminhada até a realização desta investigação e o quanto esta se tornou importante para mim, os objetivos da pesquisa e também os caminhos metodológicos utilizados na mesma. O segundo capítulo trata da análise das respostas dos entrevistados. Nele apresento e explico as três categorias

que a análise dos conteúdos das respostas obtidas nas entrevistas suscitou, sendo elas: (1) Vínculos entre currículo, ação docente e ação discente; (2) A estratégia que virou vilã: a disciplina integradora; e (3) A Renúncia da Coordenação das Ações.

O terceiro e último capítulo, nomeado “Na busca pela reinvenção”, contém aspectos que me marcaram durante o desenvolvimento da pesquisa. Nele, faço uma síntese das análises, destacando as inferências que julgo mais relevantes. Das conclusões, destaco, neste momento, a importância de se refletir continuamente sobre o processo de formação docente no qual estamos envolvidos, tanto como docentes, quanto como discentes. Deixo, dessa forma, em minhas considerações finais, um convite para que o leitor reflita sobre a importância de sermos capazes de nos reinventar.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Neste capítulo busco contextualizar a pesquisa, para que o leitor compreenda o significado da mesma para a pesquisadora e para os envolvidos nela, mostrando os caminhos percorridos para a realização deste trabalho.

1.1. Minha caminhada

Vivemos tempos de grandes incertezas, de dúvidas, de hesitações. Temos uma consciência forte da necessidade da mudança, mas frequentemente não sabemos qual o rumo a seguir.

António Nóvoa

Tenho o hábito de dizer que escolhi minha profissão muito nova, pois com 14 anos eu pude ingressar no Curso Normal em Nível Médio, o Magistério, na minha cidade natal Alegrete, RS. Apesar de muitos terem dito que seria apenas uma experiência, eu sabia de que se tratava de uma escolha importante. Estava entre uma profissão e a hipótese de ter mais tempo para escolhê-la. Nesse momento, poderia escolher entrar no Magistério e encarar o que viria ou fazer o Ensino Médio regular e pensar em minha profissão mais tarde.

Hoje, formada no Curso Normal e cursando a última etapa da graduação em Pedagogia, afirmo que tornar o Magistério minha profissão foi a melhor escolha que já fiz em toda a minha vida e também a mais importante.

Foi no 2º ano do Curso Normal que conheci a arte e o encanto da Literatura Infantil. A partir dela, enquanto me formava “professora”, virei “Contadora de Histórias”, e foi contando histórias, sendo bruxa e princesa, sendo lobo e também porquinho que descobri o encanto do “faz de conta”. Além de ter vivenciado o faz de conta, também trouxe para ele todas aquelas crianças que um dia me ouviram contar histórias.

Fui voluntária, estagiária, recreacionista e finalmente “contadora de histórias”, sim, essa profissão existe. Mas em cada história que eu contava, cada voz fina que eu fazia imitando a princesa ou voz grave imitando o malvado eu sentia que queria dar uma continuidade, sentia a falta de ver o que acontece depois, mas não entendia

que só conseguiria isso dentro da sala de aula, levando essa fantasia para sala de aula, como professora.

Foi nessa brincadeira de faz de conta que me encontrei com Porto Alegre-RS, ingressei em 2009 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação. Uma conquista quase que inesperada, tão pouco planejada, e mais uma vez tive que fazer outra escolha: entre continuar como “Contadora de Histórias” ou ampliar minha formação de “professora”.

Tive um semestre para escolher, e foi durante o meu estágio obrigatório do Curso Normal que visualizei a resposta... O estágio foi feito em uma turma de 4º ano, em uma escola municipal de Viamão-RS. Foi levando para minha turma a Literatura Infantil e a arte de transformá-la em fantasia que percebi que tudo o que vinha depois da história contada era tão mágico, gratificante e encantador quanto o que ocorria durante a história. Foi aí que percebi que era essa continuidade de que eu sentia falta, ao que se sucedia apenas em sala de aula, percebi que eu realmente queria ser “Professora”. Mas entendi de que as “contações” de histórias e o “faz de conta”, seriam componentes importantes de minha prática docente.

E durante as práticas promovidas pela faculdade e os estágios não obrigatórios os quais me inseri, comecei a querer compreender os motivos pelos quais as crianças gostavam tanto dessa fantasia. E pelo desejo do saber que busquei estudos, teóricos, professores, leituras que saciariam minhas dúvidas.

Aos poucos fui aprendendo muito sobre isso, compreendendo inúmeros aspectos, acabei identificando-me bastante pelos estudos e pesquisas de Jean Piaget, e um dos livros que mais me auxiliaram nessa busca por esses entendimentos foi “A formação do Símbolo na Criança” (PIAGET, 1971).

Meu interesse pela “construção do conhecimento” me fez procurar professores que mostravam engajamento nesse aspecto. Foi nessa procura que me inseri como bolsista de Iniciação Científica, no projeto da professora Darli Collares, que coordena uma pesquisa cujo foco trata da análise da coordenação das ações empreendidas pelos alunos e sua inserção no estudo universitário. Além disso, foi uma professora que me acolheu, mostrando-me que o caminho que queremos, nós mesmos podemos construir. Dessa forma, conheci, aos poucos, a pesquisa da referida professora, fui compreendendo e me interessando por diferentes assuntos e em uma discussão com o grupo de pesquisa formado pela professora, o interesse

pelas conexões que os alunos fazem entre as disciplinas e semestres ganhou força, fazendo-me buscar recursos que me envolvessem ainda mais.

Dessa forma, mostro que a presente investigação se definiu aos poucos, mas que ganhou corpo dia após dia. Através desta pesquisa “entrei” no meu curso e pude reviver muitos momentos, o que torna meu encantamento pela mesma ainda maior.

1.2. Traçando objetivos

Na minha inserção como bolsista de Iniciação Científica (PROBIC FAPERGS-UFRGS) muitas possibilidades surgiram, pois a professora Darli Collares, também coordenadora da pesquisa “Ação-reflexão-ação: a coordenação das ações definindo caminhos” ofertava isso: possibilidades. Nós podíamos (refiro-me aos colegas de pesquisa também) escolher caminhos diferentes ao do projeto que ela coordenava, desde que buscássemos relações com ele, seja com a parte teórica ou metodológica. Senti-me à vontade para fazer diferentes buscas, traçar diferentes objetivos.

Em meio a essa liberdade, havia uma cobrança, o Trabalho de Conclusão de Curso, que carrega prazos e exigências. Na tentativa de vincular minha ação como bolsista às exigências do 8º semestre do Curso de Pedagogia articulei o projeto de pesquisa para que atendesse as duas modalidades.

Durante essa articulação definiu-se a temática da pesquisa, a qual trata de questões que envolvem a formação de professores no contexto acadêmico, analisando as disciplinas de um Curso de Licenciatura, verificando as interlocuções entre elas e a importância disso na formação docente.

Tem-se, portanto, como objetivos:

- Investigar e analisar os diálogos objetivos e subjetivos entre as disciplinas e/ou semestres, assim como sua relação e relevância para com a aprendizagem dos alunos;
- Analisar os discursos sobre as interlocuções entre as disciplinas dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, do Curso de

Pedagogia, da UFRGS, no intuito de inferir sobre a coordenação de ações envolvidas nesse processo de ensino e aprendizagem.

1.3. Por que a Faculdade de Educação da UFRGS?

Muitos foram os fatores que me fizeram escolher a própria Universidade e Faculdade como objeto de pesquisa. Darei destaque a apenas dois pela sua significância. O primeiro deles parece óbvio: eu estar e ter vivenciado durante 4 anos o Curso.

O segundo fator, e para mim o mais importante, foi minha inserção no grupo de pesquisa coordenado por Darli Collares como comentei no capítulo anterior. Esse grupo, em um projeto de pesquisa anterior ao atual, constatou que muitos alunos, em especial os da licenciatura, vinculam-se às disciplinas de natureza pedagógica como se as mesmas não lhes dissessem respeito, sendo que os que assumem essas disciplinas como sendo legítimas à sua formação envolvem-se nas leituras propostas e enriquecem-nas com outras que abordam a mesma temática e participam efetivamente dos encontros. Esse resultado fez com que eu olhasse para minha ação discente no Curso e nessa análise percebi a necessidade de rever os meus conceitos e também os da minha Universidade quanto à formação de professores.

1.4. Caminhos metodológicos do estudo

Nos caminhos metodológicos que desenhei ao longo dos estudos, inspirei-me no movimento empreendido pelo investigador na utilização do Método Clínico, ou seja, busquei criar hipóteses, ter algo a investigar e, a partir disso, buscar conhecer o que os estudantes e professores do curso pensavam sobre as questões que se tornavam objeto de meu interesse. Assim, no movimento de aprendizagem exposto por Parrat-Dayana (apud SANTOS, 2010, p.30) no qual não aprendo o método antecipadamente, mas busco compreendê-lo na medida em que coloco-me tentando compreender o que se passa comigo, os desafios, limites e possibilidades de

coordenação que construo na realização da investigação, busco compreender o que pensam meus entrevistados.

Iniciei, assim, com uma entrevista sobre o assunto, com uma professora da universidade em questão, na busca de compreender o que a faculdade de educação, mais especificamente o currículo do curso, fazia/fez a respeito das interlocuções entre as disciplinas. Além da busca por outras respostas quanto ao tema, enfrentei os primeiros desafios como investigadora: a de saber ouvir, colocar-me no lugar da pessoa investigada e recriar minha entrevista em função do que busco e do que encontro.

A entrevista foi semiestruturada com os seguintes questionamentos:

1. Quando o currículo do curso de pedagogia da UFRGS foi estruturado se pensou em oferecer disciplinas em que tivessem ligação/vínculo uma com as outras? Como isso foi pensado e/ou articulado?
2. Pensou-se em alguma estratégia para que esses vínculos/ligações se efetivassem? Sim – Quais? Não- Por quê?
3. No teu ponto de vista, é o currículo ou as práticas dos professores do curso, que permitem ao aluno a possibilidade de fazer interlocuções entre as disciplinas, por quê?
4. O aluno consegue fazer essas interlocuções que o currículo/professor oferece? Poderia mencionar algum depoimento sobre isso?
5. Enquanto professora, percebes alunos que trazem aprendizagens de outras disciplinas para aplicar/agregar/comparar com as que tuas disciplinas oferecem? Há alunos que tratam tuas disciplinas de forma estanque (sem fazer ligações com outras)?
6. O aluno, em relação a isso, tem alguma obrigação? Que dicas poderiam ser dadas para que o aluno perceba e faça essas interlocuções, utilizando-as para seu aprendizado e formação acadêmica?

No decorrer da entrevista, outros questionamentos foram feitos, como os que são apresentados a seguir:

- Os professores têm trazido isso na sua percepção, têm colaborado?

- Teria uma dica de como o aluno se organizar pra dar conta das demandas, dar conta dessas interlocuções, uma organização pra facilitar...

O primeiro questionamento foi feito logo após a resposta da terceira pergunta e o segundo no final da entrevista.

Dessa entrevista, dois questionamentos e suas respostas foram de suma importância para desdobramento da pesquisa. São eles:

- **Pensou-se em alguma estratégia para que esses vínculos/ligações se efetivassem? Sim – Quais? Não- Por quê?**

Além da organização vertical e horizontal entre as disciplinas, pensou-se justamente que essas disciplinas chamadas seminário, procurassem de alguma forma, numa iniciativa junto aos professores de semestre como articulação das propostas. Foram [seminários] pensados nesse sentido. (Professora 1)

- **No seu ponto de vista, é o currículo ou as práticas dos professores do curso, que permitem ao aluno a possibilidade de fazer interlocuções entre as disciplinas, por quê?**

Os dois, a proposta curricular já suscita, espera-se que a proposta curricular tenha sido pensada para suscitar, facilitar, essas interlocuções para os alunos, mas claro que as práticas dos professores têm que colaborar para que isso se efetive (Professora 1)

Ao analisar estas questões, muitos foram os questionamentos que me intrigavam: Será que os alunos percebem a disciplina de *seminário* (disciplina presente em todos os semestres do curso, a cada semestre a mesma apresenta um eixo de estudo diferente) como integradora das demais? Será que os professores também tem esse entendimento? Será que apenas uma disciplina deve ser integradora? Qual o papel do professor e do aluno? Como o aluno coordena suas ações de forma a contemplar as interlocuções? Que fatores poderiam dificultar as complementações que uma disciplina poderia dar para outra diante das aprendizagens dos alunos? Entre outros questionamentos.

Na busca por respostas e argumentação para a análise foi organizado três questionários, um deles para um grupo de cinco professores do curso, apresentado

anteriormente. Outro para um grupo de 14 alunos que se encontram em etapas diversas do Curso (conforme levantamento da primeira questão da entrevista apresentada a seguir, 03 encontravam-se no segundo semestre; 04, no terceiro semestre; 05, no quarto semestre; 01, no quinto semestre e 01 não soube informar em que semestre se encontrava). Para esse grupo, foi organizada a seguinte entrevista:

1. Em qual semestre do Curso você está segundo o ordenamento?

2. Está matriculado em todas as disciplinas do semestre mencionado?
Se sua resposta for **não**, listar as disciplinas que está matriculado e o semestre que elas correspondem.

3. Entre as disciplinas que cursa, percebe ligações entre elas?
() SIM - a) De que forma elas acontecem? Que disciplinas trazem/proporcionam essas ligações?
() NÃO - a) Porque você acha que isso não acontece? b) Sente falta dessas ligações? Por quê?

4. No semestre que cursa há alguma disciplina que interliga todas as outras?
() SIM - a) Qual ?
() NÃO - a) Seria importante que existisse? Por quê?

Para o grupo de 11 alunas que estão na etapa final do curso, foi organizada a entrevista:

1. Percebeste disciplinas interligadas no que diz respeito a conteúdo/aprendizagem?
() Sim – como foi essa percepção? () Não – Por que você acha que isso acontece?

2. Entre as disciplinas que cursou, percebeste ligações entre elas?
- () SIM - a) De que forma elas aconteceram? Que disciplinas trouxeram/proporcionaram essas ligações?
- () NÃO - a) Porque você acha que isso não acontece/u? b) Sentiu falta dessas ligações? Por quê?
3. Durante os semestres que cursou havia alguma disciplina que interligava todas as outras de alguma forma?
- () SIM - a) Quais e em quais semestres?
- () NÃO - a) Seria importante que existisse? Por quê?
4. No teu ponto de vista, é o currículo, as práticas dos professores do curso ou o próprio aluno, que permitem ao discente a possibilidade de fazer interlocuções entre as disciplinas de um mesmo semestre, por quê?
5. Atualmente você está concluindo o curso de Pedagogia, olhando para essa caminhada e para os próximos e novos alunos do Curso, achas que o aluno em relação às ligações e interlocuções entre as disciplinas, tem alguma obrigação? Por quê?
6. Que dicas poderiam ser dadas para que o aluno, perceba e faça essas interlocuções, utilizando-as para seu aprendizado e formação acadêmica?

2. CATEGORIAS DE ANÁLISE

Com as entrevistas transcritas, e com as leituras das mesmas realizadas, foram criadas três categorias correspondentes às inferências decorrentes da análise dos conteúdos das respostas obtidas nas entrevistas, de meus estudos e dos objetivos de minha investigação. Este capítulo ocupa-se da explicitação dessas categorias e da análise das entrevistas:

Categorias:

- Vínculos entre currículo, ação docente e ação discente;
- A estratégia que virou vilã: a disciplina integradora;
- A Renúncia da Coordenação das Ações.

2.1. Vínculos entre currículo, ação docente e ação discente

“ [...] uma coisa é o que dizem aos professores que devem ensinar, outra é o que eles acham ou dizem que ensinam e outra diferente é o que os alunos aprendem”
(José Gimeno Sacristán)

Esta categoria corresponde aos vínculos estabelecidos entre a organização curricular, as ações docentes e as ações discentes, buscando uma formação integral do educando de Pedagogia.

É válido ressaltar que o currículo do curso suscita esta busca pela formação integral do aluno, pois além de compreender que se trata de uma “formação de profissionais que são simultaneamente docentes, pesquisadores e dirigentes de processos educacionais em espaços de educação formal e informal”, também traz a ideia de que

o/a pedagogo/a é um/a profissional que domina saberes e que em sua prática reflete, transforma e apresenta novas configurações a esses saberes e, ao mesmo tempo, assegura a dimensão ética dos saberes que dão suporte à sua prática no cotidiano de seu trabalho. Essa tríade – domínio de saberes, reflexão-transformação de saberes e atuação ética - é inseparável nos processos de formação desse profissional [..].¹

¹< <http://www.ufrgs.br/faced/comissoes/comgrad/Projeto%20Pedag%C3%B3gico%20Certificado.pdf>>

Ressalto também que o currículo é organizado de tal forma a promover articulações entre as disciplinas através “de 08 (oito) eixos articuladores, que também dão nome e característica própria ao seminário integrador de cada etapa [...]”².

Uma das perguntas feitas para um dos grupos de entrevistados (Alunos Concluintes – A.C.) colocou em questão a efetivação dos vínculos pretendidos na organização curricular.

O questionamento vinculado a essa categoria foi:

- No teu ponto de vista, é o currículo, as práticas dos professores do curso ou o próprio aluno, que permitem ao discente a possibilidade de fazer interlocuções entre as disciplinas de um mesmo semestre, por quê?

Alguns responderam que o aluno é responsável pela própria aprendizagem. Outros tentavam explicar por que o professor é tão importante para a efetivação das interlocuções. No entanto, um grande número de A.C. comentou que é preciso haver uma sintonia entre os três, que quando um é fraco demais, os outros não se sustentam sozinhos. Isso pode ser ilustrado com a resposta da A.C. 6 que mencionou que “*Os três fatores, porque todos têm como objetivo construir possibilidades de educação com qualidade*”. E ainda a A.C. 4 em que escreve: *No meu ponto de vista, o que permite fazer as interlocuções são as práticas dos **professores** com o **aluno** dentro do **currículo** do semestre.* (grifos meus)

Acredito que, dentro de um curso de formação de professores, o currículo “é uma tentativa para comunicar os princípios e traços essenciais de um propósito educativo de forma tal que permaneça aberta à discussão crítica e possa ser transferido e efetivamente para a prática”. (Stenhouse, 1984 Apud Sacristán, 2000, p.29) Nesse sentido, torna-se essencial que os professores se articulem ao currículo do Curso, vivenciando e comprometendo-se com ele. Pois, como destaca Goodlad (1984 apud SACRISTÁN, 1998, p. 137) “após a análise de projetos, documentos e propostas curriculares, não são metas o que nos falta para a escola, mas a articulação das mesmas e o compromisso com elas”.

Tratando o currículo como “responsável” por interlocuções entre as disciplinas, torna-se imprescindível que ele seja parte do saber pedagógico dos

² <<http://www.ufrgs.br/faced/comissoes/comgrad/>>

docentes e no desejo de reafirmar isso, trago o comentário de um professor ao referir-se ao currículo, em que afirma: "*Sei como ele está organizado e as finalidades das disciplinas, assim fica mais fácil fazer um link com outras áreas.*" (P.3) Além, deste, outro professor (P.1) também comenta: *Entram questões do tipo, como sou professora do curso, me coloco nessa disposição, tem fatores que me ajudam, eu tenho tempo na faculdade, conhecer e ter participado da elaboração do currículo, talvez me auxilie mais do que aquele professor que recém entrou, é um professor substituto, ou está por um tempo... Talvez isso possa prejudicar essas sintonias, comunicação entre os professores, **mas acredito que se as pessoas percebem a organização do curso, isso facilita.*** (grifo meu) Compreendo que os professores precisam estar a par daquilo que o currículo oferta, mas quando esta professora refere-se às "pessoas", entendo que isso engloba tanto alunos quanto professores, pois o discente também deverá compreender a disposição e proposta do curso, para que, em sua busca por meios que o auxiliarão nos estudos, possa saber articular as disciplinas em que se matricula, principalmente aqueles alunos que não fazem o curso de forma sistemática.

Ao intitular esta categoria como "Vínculos entre currículo, ação docente e ação discente", quero chamar a atenção para a necessidade desses vínculos, pois os alunos demonstraram isso em suas respostas: é preciso que o professor se articule ao currículo, mas antes disso que o currículo seja articulado à prática do professor e, entre o primeiro e o segundo, seja lembrado (sim, lembrado, pois me parece que fomos esquecidos) de ver e tratar o aluno dos cursos de licenciatura, também como docente.

Por isso há dificuldade para se afirmar se é o aluno, o professor ou o currículo o responsável pelas interlocuções entre as disciplinas, pois a articulação entre os três se faz necessária, mesmo que haja (e sabemos que há) uma responsabilidade expressiva dada aos professores para que as interlocuções se efetivem no meio acadêmico de formação de professores, e tomo como exemplo disso o discurso de um dos professores entrevistados que comenta que "*Deveria ser o currículo, enquanto constructo lógico, mas na prática a interlocução se dá em função da disponibilidade e da flexibilidade dos professores. As interlocuções provocadas pelo currículo não acontecem, porque ele ainda está marcado por saberes disciplinares que contemplam áreas de conhecimento que não buscam dialogar, assim como, por uma lógica técnico gerencial de trânsito dos alunos no currículo.*" (P.4)

Como menciona o professor “deveria ser o currículo”, mas o aluno-docente faz parte desse processo e os dados da pesquisa trouxeram essa questão: o aluno também se vê como responsável pela efetivação das interlocuções entre as disciplinas, ou seja, não basta um currículo bem articulado e professores disponíveis, é preciso que o aluno se enxergue nesse processo. No entanto, para isso, é necessário que não se veja essa responsabilidade como “obrigação”, mas como necessidade ou como resultado, o comentário de um dos A.C. exemplifica: *Entendo que o aluno tenha alguma responsabilidade com isso, pois é sujeito importante no processo de formação, mas sem um currículo e uma prática docente que o apoie nesse sentido, fica difícil, até porque a preocupação maior é dar conta das demandas existentes. (A.C.9) Ou seja, “O aluno não tem obrigação de fazer conexões, mas quando em sala de aula interpelado por situações problemas deverá recorrer ao seu repertório de respostas e o início de uma solução poderá estar em outra disciplina. Na verdade, entendo que a obrigação deve ser do professor em provocar situações dramático/lúdicas que permitam aos alunos articular conhecimentos anteriores na resolução de problemas.” (P.4.)*

Enfim, essa “tríade” vistas pelos alunos, talvez despercebida por parte dos professores e se quer pensada pelo currículo, se faz necessária para que as interlocuções entre as disciplinas deixem de ser responsabilidade de um ou de outro e passem a ser parte do cotidiano acadêmico da e na formação de professores.

2.2. A estratégia que virou vilã: a disciplina integradora

*“Que os vossos esforços desafiem as
impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes
coisas do homem foram conquistadas do que parecia
impossível.”
Charles Chaplin*

Esta categoria visa à análise das disciplinas que teriam como função fazer a articulação do Eixo previsto para o semestre ao qual está vinculada. Essas disciplinas são denominadas de SEMINÁRIOS. A partir das respostas dos alunos, analiso o ponto de vista dos educandos em relação a essas disciplinas.

No princípio desta investigação, em uma entrevista realizada com a Professora 1, foi questionado sobre a organização do currículo do Curso de Pedagogia da UFRGS, na busca pelo entendimento quanto ao que se pensou em fazer para que as disciplinas oferecidas tivessem ligação/vínculo uma com as outras e de que forma isso foi articulado. A referida professora afirmou que as disciplinas *foram pensadas em 8 eixos para garantir uma integração do curso, vertical e horizontalmente*. Ou seja,

a Comissão de Graduação do Curso procurou construir um currículo que se articula no que diz respeito à sua verticalidade (as disciplinas de cada etapa seguem princípios e características do eixo) e horizontalmente, ou seja, os núcleos de estudos básicos, de aprofundamento e diversificação de estudos e o de estudos integradores estão presentes em todas as etapas, instrumentalizando os/as alunos/as para, conforme aponta o artigo 2º das Diretrizes Nacionais, a realização de estudos teórico-práticos, investigativos e reflexivos, bem como para o exercício da docência e dos processos de gestão em suas várias modalidades.³

Além disso, também foi questionado sobre a formulação de alguma estratégia para que os vínculos entre as disciplinas se efetivassem, sendo que a professora afirmou que *“Além da organização vertical e horizontal entre as disciplinas, pensou-se justamente que as disciplinas chamadas Seminário, procurassem, de alguma forma, numa iniciativa junto aos professores de semestre, uma articulação das propostas. Elas foram [seminários] pensados nesse sentido.”*

Pode-se afirmar então, que o currículo do Curso de Pedagogia da UFRGS prevê em todos os semestres uma disciplina “integradora”, pensada como estratégia para interligar as demais disciplinas oferecidas

A grade curricular contempla disciplinas teórico-práticas desde a primeira etapa do Curso e está organizada em torno de 08 (oito) eixos articuladores, que também dão nome e característica própria ao **seminário integrador** de cada etapa: 1º Semestre – Educação e Sociedade; 2º Semestre – Infâncias, Juventudes e Vida Adulta; 3º Semestre – Espaços escolares e Não - Escolares e Gestão da Educação; 4º Semestre – Aprendizagens de Si, do Outro e do Mundo; 5º Semestre – Organização Curricular: Fundamentos e Possibilidades; 6º Semestre – Saberes e Constituição da docência; 7º Semestre – Constituição da Docência: Práticas Reflexivas; e, 8º Semestre – Registro Reflexivo Sobre as Práticas e Temas Eletivos.⁴[Grifo meu]

³ <<http://www.ufrgs.br/faced/comissoes/comgrad/Projeto%20Pedag%C3%B3gico%20Certificado.pdf>>

⁴ <<http://www.ufrgs.br/faced/comissoes/comgrad/>>

Esta organização nos⁵ é apresentada no dia da matrícula, sendo enfatizada pelos representantes da COMGRAD, a importância de nos matricularmos na disciplina de Seminário da 1ª Etapa, pois ela é co-requisito para outras disciplinas do semestre. Como está citado, são eixos articuladores e espera-se que as disciplinas de Seminário deem conta dessa articulação, assim como as demais disciplinas busquem contemplar o eixo de cada semestre.

Na tentativa de verificar se os alunos do curso viam alguma disciplina como integradora das demais, durante a investigação, foi questionado se era possível perceber alguma disciplina como integradora do semestre em que cursavam. Caso a resposta fosse positiva, deveriam indicar qual disciplina vem fazendo essa integração e se fosse negativa, eram indagados sobre o interesse em tê-la, conforme questionário apresentado no capítulo anterior.

O resultado foi instigante, pois, apesar de, no currículo do curso, a disciplina de Seminário ter a função de articuladora, como mencionado anteriormente, o retorno dos alunos foi contrário a essa oferta. Os alunos do primeiro grupo (A) mencionaram outras disciplinas. Um dos alunos comenta *“O que percebo desde o 1º semestre é que Psicologia normalmente faz essa ligação.”* (A.2.) outros apenas citam Psicologia, Pesquisa em Educação e também Sociologia da Ed. – Espaços educativos.

Além disso, a maioria dos alunos negou a existência de alguma disciplina que busca articular as demais, mas muitos desses mostravam que compreendiam que a disciplina de Seminário deveria fazer esta integração, tomo como exemplo a resposta de três alunos em que após indicarem que não há nenhuma disciplina que interliga todas as outras, comentam:

(A.4): *“O seminário deveria fazer essa função, mas não prevê que os alunos façam o curso de maneira não-linear e por vezes se torna uma matéria a mais”.*

(A.5): *“Na verdade acho que a disciplina de seminário deveria cumprir essa função, mas não o faz, pois está muito restrito à observação e prática que fazemos no curso de pedagogia e sinceramente, acho tal disciplina uma completa perda de tempo”.*

(A.7): *“Nunca fiz os semestres de forma usual, mas percebo que as cadeiras não são necessariamente interligadas com o seminário correspondente. Falando de*

⁵ Insiro-me neste contexto, pois a pesquisa é participante e as vivências e observações apresentadas são recentes.

forma geral, não vinculada a este semestre. Acredito que muitas disciplinas até se complementam, mas de uma forma não pensada ou consciente por parte dos professores, o que acredito ser um desperdício.”

É possível perceber certo descontentamento para com a disciplina de Seminário, em especial nos semestres iniciais, e como aluna do Curso, esse descontentamento não se dá apenas pela disciplina de Seminário nestes primeiros três semestres. Quando ingressei no Curso logo que finalizei meu estágio obrigatório do Curso Normal em Nível Médio, com muitas expectativas quanto à continuidade de minha formação, o curso não me decepcionou, mas também não atingiu às minhas expectativas. Nos seus primeiros três semestres, apresentou-se um curso completamente teórico, com exemplos e discursos fora daquela realidade, vivida por mim, tão recentemente. Mais preocupada ainda eu ficava com aqueles colegas que estavam lá para conhecer o curso, e também com aqueles que não tinham tido prática alguma, com aqueles que entraram no curso almejando (re)descobrir a profissão professor e se depararam com um curso em que a teoria não busca relações com a prática nos primeiros semestres.

Faço essa reflexão porque que este primeiro grupo de alunos entrevistados está inserido em etapas diversas do Curso que se limitam até o 4º semestre do Curso, com apenas um aluno dos 14 entrevistados, na 5ª etapa. Faço essa ressalva por ter tido um retorno diferente quanto ao mesmo questionamento da parte dos Alunos Concluintes. Grande parte dos Alunos Concluintes mencionou o Seminário da 5ª etapa, outros comentaram que só conseguiram perceber essa integração nos Seminários do 4º, 5º e 6º semestre.

Num primeiro momento, considerei que os alunos só percebiam a integração entre as disciplinas depois de uma caminhada no curso, sendo esse o motivo dos Seminários do 4º, 5º e 6º semestre aparecerem como integradores no discurso das Alunas Concluintes. Essa conclusão pode ser fundamentada teoricamente no fato de que a conceituação se faz por uma reconstrução diacrônica no plano do pensamento (MONTANGERO; MAURICE-NAVILLE, 1998)

Continuando minha análise, ao refletir sobre esses semestres, dei-me conta que também é a partir da 4ª etapa que as práticas pedagógicas com os alunos é oferecida.

A partir da quarta etapa (semestre) do Curso de Pedagogia o/a aluno/a vivencia pequenas experiências docentes, que não se configuram em um

estágio de docência, mas que permitem um conhecimento sobre as diferentes faixas etárias atendidas pelo/a pedagogo/a, respeitando as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia. (FACED, Seminários de Docência)⁶

É nesta etapa em que começamos a (re)descobrir a profissão professor, que é o que se esperava fazer desde o ingresso no Curso. Não quero que fique a ideia de que considero que apenas a **prática**, com as crianças, jovens ou adultos que a profissão é (re) descoberta, mas destacar a necessidade que surge, nesse momento, de se estabelecer a relação entre a prática e a teoria estudada, na busca de ações coerentes com o que aprendemos.

O que me parece é que até chegarmos às “mini-práticas” não sabíamos o que era ser professor. Lembro que as discussões na disciplina de **Seminário de Docência: Aprendizagens de Si, do Outro e do Mundo – 0 a 3 anos** eram sobre planejamento, pois até então não tínhamos elaborado um planejamento, mas sabíamos como organizar um trabalho científico. E acredito que não devemos ter que nos deparar com uma sala de aula para aprender o que fazer com ela ou nela.

Um curso de formação de professores tem de ser eficiente ou envolvente desde o princípio. E ao me referir à palavra “envolvente” quero dizer atraente, encantadora e mais do que tudo, **fascinante**. Se o Projeto Pedagógico do Curso busca integração entre as disciplinas a partir de eixos articuladores é necessário que a organização curricular seja favorável, tomo como exemplo a 2ª Etapa do curso, em que o eixo é intitulado “Infâncias, Juventudes e Vida Adulta”, notemos que:

Na disciplina Seminário Infâncias, Juventudes e Vida Adulta, oferecida na segunda etapa, estão sendo privilegiados estudos sobre a constituição das infâncias, juventudes e da vida adulta, sobretudo a EJA -Educação de Jovens e Adultos e seus processos de inserção nos espaços educativos.⁷

Nesse semestre, há a obrigatoriedade da disciplina “Ação Pedagógica com Crianças de 0 a 10 anos”, que dentro do currículo do curso, sua súmula é apresentada como “*Reflexões teórico-práticas e organização do trabalho educativo para a faixa etária de 0 a 10 anos. Implicações da ação pedagógica nas interações entre docentes, crianças e comunidades.*” Se a ideia é que as disciplinas se articulem com os eixos e à disciplina de Seminário, esta disciplina, de alguma forma,

⁶ <<http://www.ufrgs.br/faced/comissoes/comgrad/>>

⁷ <<http://www.ufrgs.br/faced/comissoes/comgrad/Projeto%20Pedag%C3%B3gico%20Certificado.pdf>>

está inserida em uma etapa a qual não conseguirá dar conta dessa articulação. Faço essa reflexão pelo fato de perceber, junto a um dos alunos entrevistados e ao analisar meu Curso e as disciplinas que cursei, que *“muitas pareciam não estar inseridas no semestre adequado.”* (A.C.2).

Educação Musical toma como foco a “Educação Musical em espaços e tempos escolares: experiências práticas e estudo teórico-metodológico para a ação docente” e não se restringe a uma determinada faixa etária. No entanto, ela está inserida na 4ª etapa do Curso, que, apesar do Eixo ser “Aprendizagens de Si, do Outro e do Mundo”, a disciplina de Seminário objetiva a prática com crianças de 0 a 3 anos. Será que não seria mais interessante que esta disciplina estivesse em um semestre em que o foco não tivesse uma limitação de idade? Para que o professor da mesma consiga se articular ao eixo e ampliar as dimensões da disciplina. Na mesma “situação” da disciplina Educação Musical encontra-se a disciplina de Educação e Teatro. Ao ser orientado a citar disciplinas que se interligam, um dos alunos comenta que *“Há muita ligação entre Música e Teatro. [...] Em Música e Teatro acredito que há troca de informações entre os professores.”* (A.9) São disciplinas que se exploram assuntos e ações docentes para com diferentes faixas etárias e não apenas um, mantê-las dentro de um semestre em que os alunos estão sendo orientados a focar uma determinada faixa etária, que neste caso crianças de 0 a 3 anos é contraditório à proposta do Curso.

Na 3ª etapa do curso, em que traz o eixo articulador “Gestão da Educação: Espaços Escolares e Não-escolares” há a obrigatoriedade da disciplina “Literatura da Educação” que em sua Súmula propõe “Literatura e escola. A formação do leitor. Narrativa. Poesia. Humor. Imagens. Contação de Histórias. Literatura para crianças, jovens e adultos. Marcadores identitários na Literatura infantil: raça, etnia, gênero, classe, religiosidade, nacionalidade.” De que forma esta disciplina iria se articular ao eixo em meio a outras disciplinas como Gestão e Organização da Educação, Políticas e Legislação da Educação, Teoria do Currículo e Sociologia da Educação: Espaços Educativos. O que realmente me parece é que a disciplina de Literatura realmente não está no semestre adequado.

Ao me remeter às disciplinas que envolvem a Psicologia, tão mencionadas nos questionários como disciplinas que se interligam de um semestre para outro, pois ganham certa continuidade em suas propostas, percebo sua grande importância para o fazer docente, pois a partir delas que compreendemos as ações

discentes, por isso questiono: porque não há um Seminário de Psicologia para que as teorias exploradas nas disciplinas sejam discutidas e ganhem a abrangência e ressignificação necessárias.

Enfim, estas e outras inquietações são para que o aluno, ao ingressar no Curso, não se depare com disciplinas em que o conhecimento é tratado como isolado e restrito àquela disciplina. Para que o aluno possa (e tenha espaço para isso) se enxergar como docente ou se descobrir docente desde suas primeiras aulas.

2.3. A Renúncia da Coordenação das Ações

"Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino."
Paulo Freire

Quando me deparei com a possibilidade dessa pesquisa, fui, aos poucos, buscando caminhos que possibilitassem um melhor entendimento sobre os fatores que a envolviam. Ao analisar esta busca e os passos tomados dentro desta, notei que toda a articulação fora feita (e possível) em função de minha curiosidade e inquietação. Na tentativa de inferir sobre a coordenação das ações envolvidas no processo de ensino e aprendizagem da formação de professores do Curso de Pedagogia da UFRGS, precisei, primeiramente, compreender a coordenação de ações desencadeadas durante todo o processo desta pesquisa.

Esta categoria de análise comporta as respostas que nos levam a refletir que, muitas vezes, a ausência de estabelecimentos de vínculos, por parte dos alunos, também resulta do fato de que a *"preocupação maior é dar conta das demandas existentes"* (A.C.9), conforme afirma um dos entrevistados, e cuja fala é transcrita integralmente nos exemplos em destaque.

Após refletir sobre os discursos sobre a organização do curso, mais precisamente sobre a integração entre as disciplinas e as interlocuções ocorridas entre elas, tentei refletir sobre algumas frases dos sujeitos da pesquisa, como a citada no parágrafo anterior. Essas frases, por sua vez, deixavam-me cada vez mais

preocupada sobre como temos, enquanto alunos, lidado com nossa formação docente. Segue alguns exemplos que ilustram essa categoria:

(A.4.) *O seminário deveria fazer essa função (integrar as disciplinas), mas não prevê que os alunos façam o curso de maneira não-linear e, por vezes, **se torna uma matéria a mais.*** (grifo meu)

(A.C.2) *Acredito que os alunos não devem limitar-se apenas aos textos das disciplinas para aprimorar a sua formação, como geralmente ocorre [...]*

(A.C.9) *[...] é desesperador pensar que nossa formação seja fragmentada, ao passo que nossa prática terá que ser integradora [...] Entendo que o aluno tenha alguma responsabilidade com isso (ligações entre as disciplinas), pois é sujeito importante no processo de formação, mas sem um currículo e uma prática docente que o apoie nesse sentido, fica difícil, até porque **a preocupação maior é dar conta das demandas existentes.*** (grifo meu)

(A.C.11) *O aluno consegue fazer as relações de acordo com suas aprendizagens, mas **muitas vezes não consegue aproveitar** melhor as leituras e as discussões **em função do acúmulo**, por vezes desnecessários, de textos que poderiam estar interligados entre as disciplinas.* (grifos meus)

Estes e outros depoimentos comprovam o que Collares (2009, p.5) comenta ao fazer uma análise teórica sobre o lugar do aluno, em sua formação acadêmica:

[...] para poder dar conta das diferentes solicitações acadêmicas, os estudantes acabam renunciando a coordenação de suas ações e a reflexão sobre o conteúdo das mesmas, o que lhe possibilitaria estabelecer relações entre os conteúdos em jogo nas diferentes disciplinas e que, muitas vezes, compõem um mesmo semestre do curso de sua formação. E algo que poderia ser desafiador e instigante passa fragmentado e solitário.

Compreendo que essa renúncia ocorre sem que, ao menos, escolhamos ou percebamos isso. O que percebo e o próprio discurso dos discentes traz isso também, é que os professores tratam suas disciplinas como únicas em um semestre, e os alunos as acolhem de igual modo, de forma isolada, promovendo, assim, “atos mecânicos de cumprir tarefas para aprovação” (idem, p.6).

Infelizmente, estamos diante de um Curso que, em algumas disciplinas, o que nos resta, como alunos, são as ações mecânicas, o cumprimento de tarefas demasiadamente solicitadas, pois como comentou A.C.9 “*sem um currículo e uma prática docente que nos apoie nesse sentido, fica difícil*”.

3. NA BUSCA PELA REINVENÇÃO

Na tentativa de finalizar este trabalho percebi que havia uma distância muito grande entre querer acabar e o verdadeiro fim dele, notei de que finalizá-lo poderia em algum momento me limitar ao que aqui ficou dito, e nós, educadores, não precisamos de limites, de pontos finais, precisamos querer continuar, ter a paciência e serenidade (e também inquietação) que as reticências nos passam em qualquer frase...

Temos de estar atentos e vigilantes. Temos de saber ver, de saber ouvir, de saber ler. Mas que esta atenção, que esta vigilância crítica, não nos conduzam nunca pelos caminhos do descrédito ou da demissão. Escolhemos a mais impossível de todas as profissões. É certo. Mas ao mesmo tempo a mais necessária. Saibamos criticar, saibamos denunciar. Mas sempre com a força de quem acredita num mundo melhor, numa vida mais decente. Porque fora da esperança ninguém se pode dizer educador. (NÓVOA, 2003, p.11)

Durante todos os caminhos percorridos da pesquisa, a ideia da reinvenção, de reinventar-se, manteve-se presente, e, ao me referir às ideias de Nóvoa, destacadas acima, quero dizer que no Curso demonstra-se fazer esse exercício de mudança, de busca, de “vigilância crítica”. Isso está presente nos discursos dos professores, dos alunos, nas reformulações da grade curricular, enfim, até no movimento criado pela formação que não acompanha a estrutura dos semestres. Dessa forma, cabe destacar novamente que:

- A interlocução é percebida, muitas vezes, depois de certa caminhada;
- O (re)encontro com a profissão professor, a partir da 4ª etapa, impõe a necessidade de reorganização do que foi ou é abordado ao longo curso;
- A busca pela relação entre prática e teoria, decorrente da experiência em sala de aula, abre possibilidade do estabelecimento de vínculos entre as disciplinas, em especial, as abordadas de forma concomitante;
- Outras disciplinas, citadas como “integradoras” do semestre ou do curso, embora não vinculadas aos semestres com prática nas escolas, mereceriam abordagem diferenciada no curso, em especial, nesses semestres;

- A organização curricular precisa favorecer, desde o início do curso o (re)encontro com a atuação docente, em especial, nas escolas;
- Tendo os eixos articuladores, muitas das disciplinas parecem “*não estar inseridas no semestre adequado.*” (A.C.2). Isso me faz acreditar na pertinência de uma reformulação curricular, já esboçada por trocas pontuais de disciplinas entre semestres, como ocorreu entre Jogo e Educação e Pesquisa em Educação.

Gostaria de fazer uma ressalva para este último item em concomitância ao primeiro, pois na minha formação essa troca ainda não havia sido feita. Fazíamos a disciplina de Pesquisa em Educação no primeiro semestre e esta disciplina, necessita da caminhada mencionada no primeiro item. Que caminhada tínhamos para construir um objeto de investigação, dar significado às leituras ou mesmo elaborar um projeto de pesquisa? Não tive a oportunidade de vivenciar essa troca, mas os alunos já a tratam como positiva, pois mencionam a disciplina de Pesquisa em Educação como articuladora e, ainda, como uma disciplina que possibilita as interlocuções.

Enfim, que saibamos continuar buscando nos reinventar. Acredito que essa foi uma das aprendizagens que mais me marcou durante a construção deste trabalho, mostrando-me que essa reinvenção é possível, principalmente no nosso fazer pedagógico, principalmente quando este já faz parte de nosso fazer diário, pois “[...] é impossível separar as dimensões pessoais e profissionais. Ensinamos aquilo que somos e que naquilo que somos se encontra muito daquilo que ensinamos”. (NÓVOA, 2003, p.4)

REFERÊNCIAS

COLLARES, Darli. **Projeto de Pesquisa: Ação-reflexão-ação** : A coordenação das ações definindo caminhos. 2009. disponível em http://www.ufrgs.br/pesquisa/forms/form_dadosProjetoPesquisa.php (Acessado em 02/07/2013)

MONTANGERO, Jacques; MAURICE-NAVILLE, Danielle. *Piaget ou a inteligência em evolução*: sinopse cronológica e vocabulário. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

NÓVOA, Antônio. **Currículo e docência**: A pessoa, a partilha, a prudência. Este texto limita-se a transcrever a intervenção oral proferida no 1º Colóquio Internacional de Políticas Curriculares, no dia 13 de Novembro de 2003. Disponível em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4816/1/8575161121_1_11.pdf. (Acessado em 02/07/2013)

PIAGET, Jean. **A Formação do Símbolo na Criança**: Imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Trad. Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1971

SACRITÁN, J. Gimeno. GÓMEZ, A.I.Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. 4ªed. Tradução de Ernani F. da Fonseca Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SACRITÁN, J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3ªed. Tradução de Ernani F. da Fonseca Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni. O Método Clínico de Jean Piaget: Uma aula com Sívila Parrat-Dayan. In: BECKER, Fernando; MARQUES, Tania B.I.(orgs) **Ser professor é ser pesquisador**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

UFRGS. FACED. **Projeto Pedagógico**. Disponível em <http://www.ufrgs.br/faced/comissoes/comgrad/Projeto%20Pedag%C3%B3gico%20Certificado.pdf> (Acessado em 02/07/2013).

ANEXOS

Anexo A: Termo de Consentimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Projeto de Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso:

As interlocuções entre as disciplinas do curso de Pedagogia e sua contribuição na formação acadêmica do docente

Pesquisadora Responsável: Sheyla Werner Freitas

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Darli Collares

Descrição sucinta do projeto:

A proposta desta pesquisa consiste em analisar os diálogos objetivos e subjetivos entre as disciplinas e semestres, assim como sua relação e importância na aprendizagem dos alunos. Para posteriores reflexões e análises, é necessária a aplicação de questionários e o acompanhamento das demandas de diferentes semestres. Destacamos que os dados coletados manterão preservada a identidade dos participantes ou de toda e qualquer pessoa envolvida na pesquisa a não ser que haja anuência dos mesmos em sua identificação ou se houver co-autoria ou autoria nas ações empreendidas de forma contextualizada na referida pesquisa.

Agradecemos antecipadamente a compreensão de Vossa Senhoria e colocamo-nos a sua disposição para esclarecimentos que se fizerem necessários a qualquer momento da efetivação da pesquisa.

Eu, _____

RG _____ concordo em participar da pesquisa “As interlocuções entre as disciplinas do curso de pedagogia e sua contribuição na formação acadêmica do docente” parte integrante do trabalho de conclusão de curso da aluna Sheyla Werner Freitas, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Darli Collares. Como depoente autorizo o uso dos dados obtidos para a pesquisa, desde que minha identidade seja preservada.

Assinatura do(a) participante